



Dossiê Temático: Religião e estudos internacionais - Apresentação

Thematic Dossier: Religion and international studies – Introduction

Dossier temático: Religión y relaciones internacionales – Presentación

Fernando Neves da Costa Maia¹

Tiago Rossi Marques²

Recebido em: 20 de abril de 2020

Aceito em: 20 de abril de 2020

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2019v13n3p2

O presente dossiê *Religião e os estudos internacionais* busca contribuir não apenas para a consolidação, mas também para o aprofundamento do estudo sobre as conexões - e suas múltiplas ambivalências - entre religião e o fenômeno das relações internacionais. É importante notar que o campo de Relações Internacionais vem dedicando mais atenção a este objeto de estudo na esteira de um processo mais amplo de incremento da influência política da religião que pode ser percebido mais intensamente nos últimos cinquenta anos (TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011). Uma pesquisa rápida nas livrarias virtuais dá conta da multiplicação de estudos que incorporam, por exemplo, pontos de vista da economia política internacional (DREHER; SMITH, 2016), das liberdades religiosas e minorias (HURD, 2015), da interação entre religião, democracia e secularismo

(TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011; COHEN e LABORDE, 2016), da tolerância religiosa (STEPAN e TAYLOR, 2014), dos efeitos para pensarmos a ordem global (ESPOSITO e WATSON, 2000), dentre outros. A revista acadêmica *Millennium: Journal of International Studies* dedicou o número 3 do volume 29 do ano 2000 inteiramente ao tema numa tentativa de ampliar as fronteiras do campo nesse sentido como anotaram os editores Petito e Hatzopoulos (2000) na introdução do referido número. Enfim, as Relações Internacionais vem dando provas do renovado interesse por esse estudo.

É possível, contudo, analisar o ressurgimento da influência política religiosa de uma outra perspectiva. Não se trata de negar tal fenômeno, mas considerar, assim como Toft, Philpott e Shah (2011), que - em certa, mas decisiva medida - ele acontece secundado pelos

1 Professor de Relações Internacionais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio), Rio de Janeiro, Brasil. Contato: fncmaia@terra.com.br. ORCID: 0000-0002-8457-5332.

2 Mestre em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), Belo Horizonte, Brasil. Contato: tiagorossimarques@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0001-5179-4689.

elementos que teóricos da secularização tomaram como causas do seu declínio. A democratização social, o aumento do fluxo de pessoas e de informações, progressos tecnológicos, sobretudo nos meios de comunicação (TOFT; PHILPOTT, SHAH, 2011) são amostras dos elementos tidos como limitadores do fenômeno religioso e sua participação na esfera pública reivindicados pela tese da secularização. Toft, Philpott e Shah (2011) nos convidam a repensar essa questão de um ponto de vista em que esses elementos, ao invés de limitar e diminuir a influência da religião no mundo político, criaram justamente as condições para que ela se manifestasse. Por essa tese, é possível sustentar, por exemplo, que a democracia formou uma “(...) arena aberta onde nacionalistas hindus, muçulmanos turcos e os religiosos cristãos de direita nos Estados Unidos podem comunicar seus entendimentos e competir por poder.” (TOFT; PHILPOTT, SHAH, 2011, p.7).

Na esteira dos estudos de Peter Berger, Toft, Philpott e Shah (2011) defendem a tese de que a religião provavelmente continuará sendo

(...) um modelador vital - e por vezes furioso - da guerra, da paz, do terrorismo, da democracia, da teocracia, do autoritarismo, das identidades nacionais, do crescimento econômico e do desenvolvimento, da produtividade, do destino dos direitos humanos, das Nações Unidas, do aumento e diminuição das populações, dos valores culturais com relação à sexualidade, casamento, família, papel das mulheres, lealdade à nação e ao regime [político] e o caráter da educação (TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011, pp.7-8).

Quer concordemos, quer discordemos da tese lançada acima, o fato é que ela acena para a noção de que a religião - mesmo quando se trabalha com a herança secular - é um elemento social generalizado e mais estabelecido do que geralmente supomos. Elizabeth Shakman

Hurd tem um argumento a esse respeito que merece ser mencionado à guisa de ampliação do escopo dessa apresentação:

(...) somente com a ascensão da religião como uma categoria genérica após a Reforma Protestante que ela se tornou legalmente disponível como uma categoria autônoma, doméstica e internacionalmente. [A] religião nunca “deixou” a política ou as relações internacionais, mas assumiu diferentes formas e ocupou diferentes espaços sob os modernos regimes de governança que são frequentemente tidos como seculares. Nem as religiões nem os atores religiosos são agentes autônomos que podem ser analisados, quantificados, engajados, celebrados ou condenados - e divididos entre o bem e o mal. (HURD, 2015, p.19).

Temos como associar a presença da religião com a presença de atores religiosos nos mais diferentes espaços da vida social. A religião não está fora da história e das instituições sócio-políticas; não pode, portanto, ser isolada da experiência humana (HURD, 2015). No entendimento de Toft, Philpott e Shah (2011), um ator religioso é qualquer “(...) indivíduo, grupo ou organização que adota crenças religiosas e que articula uma mensagem razoavelmente consistente e coerente sobre a relação entre religião e política.” (TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011, p.23). Nessa linha argumentativa, é possível afirmar que a experiência humana - repita-se: mesmo para quem trabalha com a tese secular - acontece com base em algum conjunto de ideias que determinada comunidade religiosa tem sobre autoridade política e justiça; ela acontece, portanto, a partir de uma *teologia política* (TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011). Em termos mais precisos, teologia política é “(...) o conjunto de ideias que um ator religioso tem sobre o que é uma autoridade política legítima.” (TOFT; PHILPOTT; SHAH, 2011, p.27). Com base nisso é que se pode entender

melhor as concepções seculares e pós-seculares de mundo que orientam a comunidade política há, pelo menos, alguns séculos. Ademais, esse conceito nos permite pensar os diversos enquadramentos dos trabalhos deste dossiê.

No processo de separação entre a esfera Religiosa e a esfera Política, até a passagem do século XIX para o século XX, constatou-se uma forte tendência em se crer que o fenômeno religioso estaria fadado a um definitivo declínio social e público, influenciados por uma onda de secularização que legava a este fenômeno, uma atuação minguada e exclusiva à esfera privada e particular, sem grandes incidências sobre a cultura e a vida pública.

Indo na contramão das predições advindas de teorias secularistas dos séculos passados (TAYLOR, 2010), mas sem afirmar um reavivamento religioso em escala global, observou-se no “ocidente” o surgimento de um novo fenômeno, num período intitulado de “Pós-secular”, em que a religião demonstrou ressurgimento, mas não sem declínio, mutação e resistência, retornando, porém, ao centro dos debates públicos, políticos e sociais, seja em âmbito nacional ou internacional (GRAHAM, 2013). Nesse sentido, os estudos contemporâneos das Ciências Humanas e Sociais, têm apontado para o retorno da religião ao centro dos debates acadêmicos e teóricos, ganhando cada vez mais “proeminência pública como um fator significante nas políticas globais e na sociedade civil” (GRAHAM, 2014, p. 235).

Será neste debate Pós-Secularista, também presente nos estudos das Relações Internacionais (PETITO; MAVELLI, 2014; WILSON 2012), que está alocado a tese de que, seja em âmbito local, nacional ou global, a religião pode vir a ser partícipe do desenvolvimento humano e de suas mais diversas organizações sociais –

não sem percalços, como apontado acima. Isto incluiria o sul global para além dos limites do “ocidente”, como aponta-nos Graham (2014, p. 237), em que países “como Brasil, China ou Índia, a religião continua a crescer sendo parte significativa na vida pública”. Este fenômeno religioso, na medida em que pode vir a desempenhar alguma influência no esforço analítico produzido no campo dos Estudos Internacionais, nos leva a indagar “se” e “de quais maneiras”, seja direta ou indiretamente, colabora para a formação teórica, paradigmática e analítica dentro dos Estudos Internacionais, num período marcado por aquilo que Scott M. Thomas (2014) chamou de “virada religiosa”.

São nesses termos que buscamos aqui fomentar o debate em torno da Religião e das Relações Internacionais, buscando levantar as formas e os meios, caso ocorram, pelos quais este “fenômeno” se tornaria partícipe do campo, seja em sua construção teórica, analítica ou praxiológica. O número e a distinção de atores, abordagens, teorias e religiões envolvidas no debate, convidam as mais diversas abordagens para contribuir com a construção de conhecimento sobre este tema. Os artigos que compõem este dossiê cobrem amplo espectro de discussão a partir deste prisma, o qual intenta lançar luz sobre questões que se depreendem das possíveis relações entre o “Político” e o “Religioso” no âmbito internacional.

Nesse sentido, o texto *Relações Internacionais e Religião: Frei Betto, a crítica do ateísmo do socialismo internacional e a construção da laicidade do socialismo cubano*, busca apresentar o movimento contestante de Frei Betto, partindo de sua “militância internacional” estabelecia pelas vias do engajamento político e literário, da associação entre o socialismo e o ateísmo tipicamente vinculados ao arranjo dos “Estados

Socialistas confessionais” em um “ateísmo de Estado”. Tem-se em vista o esforço de Frei Betto em favor da construção de um “paradigma político de um socialismo pós-ateísta, laico”, em que se intenta demonstrar a não incompatibilidade entre o aspecto religioso da experiência humana e o pensamento socialista e marxiano internacional. Para tanto, o argumento se desenvolve a partir da atuação e da permeabilidade de Betto em Cuba, bem como de seus esforços não tão exitosos nas demais partes do mundo socialista, perpassando sua trajetória desde os anos de 1980 até meados dos anos 2010.

Em *O olhar do Papa Francisco para o Sul Global: uma análise sobre o diálogo entre o Vaticano e a República Popular da China*, promoveu-se uma análise das ações e atuações do Papa Francisco em direção a uma intensificação do diálogo entre o Vaticano e o governo da China. Argumenta-se aqui que o olhar e as ações diplomáticas do atual papado, dirigidos ao Sul Global, tem promovido um cenário de relações mais favoráveis naquela direção, em que se trafega de um maior quadro de ruptura entre as partes, para aquele caracterizado por uma condição de maior reconciliação. Isto seria possível mediante o estabelecimento do “Acordo Provisório Santa Sé-China”, capaz de promover maiores movimentos cooperativos na relação sino-vaticano, o que demonstraria a capacidade do “Religioso” de exercer e desempenhar notório papel global de influência nas dinâmicas do internacional.

Seguindo na esteira da relação entre a Santa Sé e o atual governo chinês, o artigo *A Faith Diplomacy de Xi Jinping: as implicações político-religiosas do acordo provisório sobre a nomeação dos bispos católicos na China* visa identificar, a partir de uma análise de Política Externa, as razões pelas quais o governo de Pequim concedeu ao Vaticano, mediante acordo, a permissão de

participação na nomeação episcopal dos bispos chineses, mesmo diante da histórica postura contrária praticada pela China desde a proclamação da República e 1949, e da ruptura de suas relações diplomáticas com o Vaticano em 1951. A análise feita aponta para um movimento de interesses que visam a criação de condições mais favoráveis para a ampliação da colaboração bilateral entre Santa Sé e Pequim, de maneira a promover (I) a unidade da comunidade católica na China e a legitimidade da Igreja Oficial, (II) abrindo caminho para que os católicos chineses possam aderir aos projetos nacionalistas e labutarem em prol do ressurgimento do país, (III) além de proporcionar uma maior abertura para a participação crítica dos cidadãos católicos na construção da sociedade chinesa.

Por seu turno, o artigo *Guerra justa insuficiente: A ideia de paz justa na construção da paz pós-guerra no cristianismo*, ao concentrar no campo de estudos intitulado de “construção da paz religiosa”, propõe a exposição da “nova abordagem da paz justa” em contraposição ao conceito de “guerra justa”, tendo em vista a ideia de construção da paz pós-conflito em associação ao pensamento cristão. Para tanto, parte-se da ideia de que a religião, com enfoque no cristianismo, pode ser assimilada tanto como uma variável capaz de exercer influência sobre as ações dos indivíduo, quanto também de seu papel decisório nas dinâmicas de conflitos internacionais, especificamente, mediante a tarefa reconciliatória e de promoção da paz pós-conflito em sociedades no cenário global. A análise em questão intenta com isto demonstrar o potencial do aspecto “Religioso” no internacional como um instrumento de paz, desafiando as abordagens que mobilizam a variável religiosa a partir da ótica exclusiva da violência.

Rumando em direção ao desfecho do presente dossiê, *A relação Estado-Igreja e o papel da religião nas relações internacionais da Rússia* nos apresenta um pleito em favor do papel político da religião, representada neste contexto pela Igreja Cristã Ortodoxa Russa, para com as análises de política externa e doméstica da Rússia contemporânea, de maneira a não ser possível ignorá-la. A partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema, buscou-se a contextualização histórica no tocante a consolidação do cristianismo ortodoxo como uma instituição politicamente ativa e adjunta do estado russo. Ademais, seria ela também expressiva em sua projeção de influência religiosa mediante as relações estabelecidas entre o Patriarcado de Moscou e os demais patriarcados difundidos por toda a Europa. Diferindo-se do contexto religioso ocidental em que se identifica uma separação entre religião e a política pelas vias dos processos típicos de “secularização”, e na medida em que ambas estabelecem interconexões na sociedade russa e além fronteira, haveria aqui importantes implicações para com a própria análise da dinâmica mais abrangente entre o “Religioso” e o “Político” no campo das Relações Internacionais. Nesse sentido, há de se averiguar também os possíveis desdobramentos destas análises e implicações sobre o “internacional”, incluindo aqui o entendimento sobre a própria natureza da política internacional para além daquelas desenvolvidas em associação com a ideia de “Ocidente”.

Nossa leitura seria a de que não somente haveria aqui proficuidade na contribuição para com a produção acadêmica em torno da proposta e da temática apresentada neste dossiê, como também se abre, a partir disto, novos caminhos e possibilidades que nos levam a prosseguir indagando quanto as instâncias, o caminho, o lugar e a importância do “Político” e do “Religioso” nos Estudos Internacionais.

Referências

- COHEN, Jean; LABORDE, Cécile (eds.). **Religion, secularism & constitutional democracy**. New York: Columbia University Press, 2016.
- DREHER, Sabine; SMITH, Peter (eds.). **Religious activism in the global economy: promoting, reforming or resisting neoliberal globalization?**. London: Rowman & Littlefield, 2016.
- ESPOSITO, John; WATSON, Michael (eds.). **Religion and global order**. Cardiff: University of Wales Press, 2000.
- GRAHAM, Elaine. **Between a Rock and a Hard Place: Public Theology in a Post-Secular Age**. London: SCM Press, 2013.
- GRAHAM, Elaine. **Between a Rock and a Hard Place: Public Theology in a Post-Secular Age**. *Practical Theology*, Vol. 7, No. 4, pp. 235-251, December 2014.
- HURD, Elizabeth Shakman. **Beyond religious freedom: the new global politics of religion**. Princeton: Princeton University Press, 2015.
- PETITO, Fabio; HATZOPOULOS, Pavlos. “Silete Theologi in Munere Alieno: An Introduction”. *Millennium*, 29(3), iii-iv, 2000.
- PETITO, Fabio; MAVELLI, Luca (eds.). **Towards a Postsecular International Politics: New Forms of Community, Identity, and Power**. Basingstoke: Palgrave, 2014.
- STEPAN, Alfred; TAYLOR, Charles (eds.). **Boundaries of toleration**. New York: Columbia University Press, 2014.
- TAYLOR, Charles. **Uma Era Secular**. São Leopoldo: Unisinos. 1 ed., 10 de outubro, 2010.
- THOMAS, Scott M. **The Religious Turn in the Study of International Relations**. *The Review of Faith & International Affairs*, 12:4, pp.76-82, DOI:10.1080/15570274.2014.976090, 2014.
- TOFT, Monica Duffy; PHILPOTT, Daniel; SHAH, Samuel. **God’s century: resurgent religion and global politics**. New York: W.W. Norton & Co., 2011.
- WILSON, Erin K. **After Secularism: Rethinking Religion in Global Politics**. New York: Palgrave Macmillan, 2012.